

## **Breve análise de duas visões na interpretação das parábolas do reino, à luz de mt 13,3b-9.31-33: as visões dispensacionalista e tradicional**

*Brief analysis of two visions in the interpretation of the Parables of the Kingdom, by the light of Mt 13,3b-9.31-33: the dispensationalist and traditional views*

*Luiz Henrique Lucas Barbosa*

### **Resumo**

O presente artigo analisa a apresentação de dois símbolos essenciais ao relato mateano das denominadas “Parábolas do Reino”: aves e fermento. Esse recurso retórico (parábolas) de Jesus era marca patente de seus discursos e aguçava a curiosidade de seus discípulos mais próximos, os quais frequentemente aguardavam por explicações do Mestre. Entre os diversos comentários bíblicos ao texto de Mateus é possível se deparar com visões positivas e negativas no que tange ao papel desempenhado pelos personagens utilizados por Jesus nessas parábolas. O confronto entre uma visão tradicional e outra dispensacionalista traz não só duas possibilidades de interpretação das perícopes em questão, senão ainda a oportunidade de definirmos se a intenção das palavras postas na boca do *Rabbi* era criticar possíveis interferências dentro da comunidade ou, pelo contrário, despertar no coração dos discípulos a esperança da vitória após as tribulações terrenas. Haveria uma mensagem positiva ou negativa por parte do Cristo? Para realizar esse estudo comparado, iremos trabalhar com textos de Samuel Pérez Millos e Curtis Mitch/Edward Sri: o primeiro autor representando a teologia dispensacionalista; os outros dois como representantes da teologia tradicional.

**Palavras-Chave:** Parábolas. Reino. Personagens. Visões Dispensacionalista e Tradicional. Mensagem.

## Abstract

This article analyzes the presentation of two essential symbols to Matthew's account of the so-called "Parables of the Kingdom": birds and yeast. This rhetorical resource (parables) of Jesus was a patent mark of his speeches and intensified the curiosity of his closest disciples, who often waited for Master's explanations. Among the various biblical commentaries on Matthew's text, it is possible to meet positive and negative views regarding the role played by the characters used by Jesus in these parables. The confrontation between a traditional view and another dispensationalist brings not only two interpretation possibilities of these pericopes, but also the opportunity to define whether the intention of the words put in the *Rabbi's* mouth was to criticize possible interferences inside the community or, on the opposite, to awake on the hearts of the disciples hopeness of victory after earthly tribulations. Would exist a positive or a negative message from the Christ? To realize this comparative study, we will work with texts from Samuel Pérez Millos and Curtis Michth/Edward Sri: the first author representing dispensational theology; the other two as representatives of traditional theology.

**Keywords:** Parables. Kingdom. Characters. Dispensationalist and Traditional Views. Message.

## Introdução

Não há nenhuma novidade em afirmar que Jesus foi um grande pregador. Seus sermões atraíam multidões dos diversos recantos da Palestina. Segundo nos relata Mateus, o Mestre tinha “compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36). Também no tempo de Jesus havia muita desigualdade social: ricos, muito ricos e pobres miseráveis. Aliado a isso, todo um sistema normativo-religioso gravitava em torno da Torah. A Lei de Moisés regia a vida da sociedade e, sem estar em sintonia com ela, todo homem e mulher era colocado à margem da comunidade. Além da Lei

havia as normas romanas, as quais lançavam um pesado fardo à população através da cobrança de tributos. Era um cenário suficientemente despido de esperanças imediatas. A solução parecia ser a indeterminada vinda do Messias libertador.

Surge então na Galileia um pregador itinerante que começa a falar da existência de um reino diferente dos impérios terrenos. Esse reino não detém tesouros perecíveis e pode pertencer a todos: homens e mulheres, pobres e ricos. Como exímio orador, Jesus sabia que tinha de alcançar mentes e corações valendo-se de técnicas eficazes e que estivessem ao alcance da compreensão dos ouvintes.<sup>1</sup> De nada adianta ao pregador falar sobre temas profundos se as palavras forem inacessíveis aos destinatários. Assim, Jesus usava técnicas de repetição e memorização (como o método mnemônico por exemplo), mas sobretudo se valia de temas comuns ao povo (como questões agrárias e pastoris) e recursos literários muito acessíveis ao intelecto (parábolas e alegorias por exemplo).

Há parábolas de Jesus que são universalmente conhecidas e que atravessam os séculos despertando reflexão naqueles que as escutam. A parábola do Devedor Implacável (Mt 18, 23-35), por exemplo, é um convite permanente à comparação entre nosso modo limitado de amar e a inefável misericórdia de Deus. A parábola das Dez Virgens (Mt 25,1-13) nos leva a refletir sobre a necessidade do permanente estado de vigilância, pois ninguém sabe quando o “Noivo” irá chegar. Todas essas histórias tornavam bastante acessíveis os ensinamentos de Jesus, ainda que algumas delas precisassem ser explicadas privativamente pelo Mestre aos apóstolos. E, assim como as sementes na parábola do Semeador, as palavras do Cristo caíam em terrenos diferentes, produzindo frutos à medida que eram bem acolhidas e compreendidas.

Certamente a comunidade mateana padecia por causa de perseguições e discriminações.<sup>2</sup> Os primeiros séculos do Cristianismo foram um misto de assédio cruel e sedimentação de uma fé. À medida que os imperadores romanos e representantes da sinagoga investiam contra os discípulos, os martírios iam aumentando e a comunidade compreendia que esse sacrifício era imitação da vida de Cristo. Por outro lado, o amor jamais esmorecia e os testemunhos

---

<sup>1</sup> KEMMER, A., *Le parabole di Gesù*, p. 14.

<sup>2</sup> BROWN, R.; FITZMYER, J.; MURPHY, R. *Novo comentário bíblico São Jerônimo*, p. 132.

acendiam novas chamas entre aqueles que buscavam o batismo. Como bem disse Tertuliano (c. 160 – c. 220), recordado pelo papa Bento XVI: “Sanguis Martyrum est semen Ecclesia”.<sup>3</sup> Restaria à comunidade a esperança de achar o “tesouro escondido”; aquele que um homem encontrou num campo e vendeu tudo para comprá-lo (Mt 13,44).

O artigo pretende, a partir do estudo de um caso específico, a saber, a interpretação de três parábolas do reino, confrontar dois pontos de vista diametralmente opostos no que tange ao papel desempenhado por alguns dos personagens dessas histórias contadas por Jesus: uma visão dispensacionalista, representada pela obra *Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento*, de Samuel Pérez Millos; a outra que pode ser denominada tradicional, mas que bem se adequaria à classificação de otimista, ilustrada pela obra *The Gospel of Matthew*, de Curtis Mitch e Edward Sri.

Em Pérez Millos, como se verá mais adiante, parece haver uma interpretação depreciativa, que enxerga nas palavras de Jesus uma advertência quanto a deturpações na doutrina da Igreja, vendo em alguns personagens dessas parábolas legítimos representantes do mal, os quais buscam atrapalhar o crescimento do reino dos céus. Por outro lado, em Mitch e Sri é possível refletir acerca da visão positiva que repousa sobre a construção do reino a partir de nossas próprias vidas: não se trata de algo fechado hermeticamente num futuro escatológico, mas uma realidade que se vai construindo com nossa colaboração cotidiana; nos mínimos gestos, palavras, atos e omissões. Assim será possível a oportunidade de ouvir duas interpretações opostas e, ao final, emitir uma opinião sobre qual visão parece a mais bem sustentada.

## 1. O anúncio do Reino<sup>4</sup>

Antes de abordar o que Jesus queria dizer com a expressão βασιλεία τῶν οὐρανῶν – reino dos céus – é preciso primeiro situar o discurso do Mestre

---

<sup>3</sup> BENTO XVI, Homilia na Basílica de São Bartolomeu na Ilha Tiberina, p. 2.

<sup>4</sup> Optou-se neste artigo por seguir a forma do texto grego de NESTLE-ALAND de citar o substantivo “reino” sempre com letra minúscula (salvo na expressão “Parábolas do Reino”, por se tratar do nome de um grupo de parábolas, nas citações bíblicas cujas versões usam a letra maiúscula e nas citações dos textos de autores que também a preferem). O mesmo quando, ao citar o texto sagrado, a expressão “reino do céu” estiver iniciando com letra maiúscula.

dentro do contexto do Evangelho segundo Mateus, lembrando que as perícopes que tratam do tema nesse relato (Mt 13,3b-9.31-32.33) encontram correspondência no texto de Marcos (Mc 4,3-9.30-32) e no de Lucas (Lc 8,5-8;13,18-19.20), mas com outra expressão: βασιλεία τοῦ Θεοῦ – reino de Deus.<sup>5</sup>

Segundo Maria de Lourdes Correa Lima: “...a delimitação do texto não deve levar a isolá-lo. Pois um texto tem sentido também como parte de um todo maior, o contexto em que ele se localiza [...] é importante localizar a unidade textual no contexto mais amplo, seja o livro ou de uma de suas partes”.<sup>6</sup> Assim, na opinião de David Turner, o Evangelho segundo Mateus pode ser estruturado em 3 partes: “1ª) Preparação de Jesus, o Messias (Mt 1,1-4,16); 2ª) Pregação de Jesus, o Messias (Mt 4,17-16,20); 3ª) Paixão de Jesus, o Messias (Mt 16,21-28,20)”.<sup>7</sup> Adotando-se essa proposta, as Parábolas do Reino encontrar-se-iam na segunda parte do esquema.

O papa emérito Bento XVI, à época ainda cardeal Joseph Ratzinger, escreveu sobre o reino de Deus. Segundo ele, o núcleo central do Evangelho afirma que o reino de Deus está próximo. “É colocada uma marca no tempo, algo de novo acontece. E se espera uma resposta do homem a este convite, que são a conversão e a fé. Este anúncio forma o centro da palavra e do ministério de Jesus”.<sup>8</sup>

Bento XVI<sup>9</sup> explica ainda como o termo “reino” foi compreendido na História da Igreja: a) em sua dimensão cristológica, a partir da leitura das suas palavras, quando Orígenes caracterizou Jesus como a autobasiléia, isto é, como o reino de Deus em pessoa. “Jesus mesmo é o ‘Reino’; o Reino não é uma coisa, não é um espaço de domínio como um reino do mundo. É pessoa: o Reino é Ele”; b) a segunda dimensão seria de natureza idealista ou de designação mística: “vê o Reino de Deus essencialmente situado na interioridade do homem”. Também ela encontra respaldo em Orígenes. Em sua obra sobre a oração, diz o escritor eclesiástico citado por Joseph Ratzinger: “Quem reza pela chegada do Reino de

---

<sup>5</sup> A Inserção da expressão “reino dos céus” no título deste artigo indica nossa opção por trabalhar o tema dentro do relato de Mt (que a utiliza exclusivamente, ao passo que os paralelos em Mc e Lc optam por “Reino de Deus”). Entretanto, quando um autor citado preferir usar “Reino de Deus” ou se a perícope utilizada não encontrar descrição no relato mateano, as palavras originais serão sempre respeitadas.

<sup>6</sup> LIMA, M.L.C. Exegese Bíblica. p. 91.

<sup>7</sup> TURNER, D. L. Matthew, p. 9 (tradução nossa).

<sup>8</sup> RATZINGER, J. Jesus de Nazaré, p. 58.

<sup>9</sup> RATZINGER, J. Jesus de Nazaré, p. 59-60.

Deus, reza sem dúvida pelo Reino de Deus que ele já leva em si mesmo, e pede para que este Reino produza frutos e para que chegue à sua plenitude. Pois em cada homem santo, Deus domina (é soberania, Reino de Deus)”. Sob essa ótica, o reino de Deus não se encontra num lugar topográfico. “Não é nenhum Reino à maneira dos reinos do mundo; o seu lugar é a interioridade do homem. Aí ele cresce, e é a partir daí que ele atua”; c) uma terceira e última dimensão do reino de Deus advém de uma explanação eclesiológica: “O Reino de Deus e a Igreja são colocados de um modo distinto um em relação ao outro e mais ou menos aproximados um do outro”.

Também Brown, Fitzmyer e Murphy<sup>10</sup> tratam do tema do reino dos céus em seu comentário Bíblico:

Este evangelho tem dois focos fundamentais: Jesus como o Cristo e a **chegada próxima do reino de Deus que Jesus proclama**. Esses focos não devem ser separados, visto que todo o evangelho pode ser lido com qualquer um dos focos em vista. Os dois temas estão mais próximos no começo do evangelho, onde Jesus é apresentado como o Filho régio de Deus e Emanuel, Deus conosco, e no final, onde se dá a Jesus toda a autoridade (divina) como o Filho do Homem sobre o reino de Deus, no céu e na terra [...] **O reino de Deus é o grande objeto de esperança, de oração (6,10) e de proclamação (3,2; 4,17), que unifica todo o evangelho,**<sup>11</sup> especialmente os cinco grandes discursos, e fornece seu horizonte e alvo escatológico. Ele contém a promessa última e definitiva da salvação de Deus para a humanidade redimida, na terra como no céu, no tempo e na eternidade, no âmbito social e político bem como no pessoal. Implica justiça (6,33), paz (5,9) e alegria (13,44).

Ensina Ben Witherington III:

Talvez a primeira coisa a ser dita sobre o domínio de Deus<sup>12</sup> é que a frase *basileia tou theou* não é melhor traduzida como “reino de Deus”, pela razão muito boa de que a frase frequentemente não se refere a um lugar, mas antes a um evento ou resultado de um evento, ou a um estado do ser. É suficientemente verdadeiro que tanto Jesus quanto Paulo às vezes se refiram ao domínio como algo que existe no futuro e pode ser

---

<sup>10</sup> BROWN, R.; FITZMYER, J.; MURPHY, R. Novo comentário bíblico São Jerônimo. p. 134. Grifos nosso.

<sup>12</sup> O termo “domínio de Deus” é usado por Ben Witherington III como sinônimo de reino de Deus”.

herdado, inserido, ou obtido, mas com a mesma frequência referem-se ao domínio já existente em algum sentido no presente. Há então uma condição de já e ainda não ao domínio de Deus tanto no ensino de Jesus como no de Paulo. Isto deve ser mantido sempre na mente à medida que consideramos este tópico.

Em consonância com o que foi dito sobre a doutrina de Bento XVI, que cita Orígenes, o reino dos céus não é algo estritamente futuro e milenarista. Não é uma realidade da qual se está agora isolado e inerte. O reino começa a ser trabalhado já na terra, pois ele tanto é Jesus (como o reino personificado) quanto cresce dentro de cada um de seus discípulos imersos num ambiente eclesial.

Ben Witherington III também não restringe a interpretação do reino a um futurismo, conforme a opinião dispensacionalista. Pelo contrário, entende o reino no desdobramento de uma realidade que começou em Jesus (como autobasiléia), prossegue entre seus discípulos desde os primórdios da Igreja até hoje e continuará até a consumação dos tempos. O reino de Deus é uma obra em construção; em permanente atualização (em sentido metafísico), assim como também afirmou Bento XVI. Essa constatação é preciosa no sentido de demonstrar a convergência de interpretações do reino dos céus entre distintas denominações cristãs.

Feita uma abordagem inicial sobre o que representa o reino dos céus, passemos agora à análise da pregação desse evento através de parábolas no relato mateano.

## **2. As parábolas do Reino**

Mateus apresenta sete parábolas do reino (Mt 13): a) do Semeador; b) do Joio e do Trigo; c) do Grão de Mostarda; d) do Fermento; e) do Tesouro; f) da Pérola; g) da Rede. Neste artigo iremos trabalhar apenas com três delas: a parábola do Semeador, a do Grão de Mostarda e a do Fermento.

### **2.1. Parábola: no que consiste e por que Jesus a usava?**

Inicialmente, precisamos explicar o que é uma parábola e por que Jesus usava tanto essa figura de linguagem como recurso literário.

Segundo Adolf Jülicher, citado por Crimella:<sup>13</sup> “a parábola é um mecanismo argumentativo; usa uma história fictícia que em um primeiro momento deve ser considerada em si mesma em sua lógica interna, dela fazendo emergir uma conclusão, uma avaliação a ser transferida em sua globalidade à situação real que o parabolista visava desde o início”. Também Bento XVI cita o trabalho de Jülicher, a quem chama “um dos maiores mestres da exegese crítica”. Segundo Ratzinger:<sup>14</sup> “Jülicher demarcou com rigor as parábolas de Jesus a respeito das alegorias; elas não são propriamente alegorias, mas um pedaço da vida real, em que se trata apenas de um só pensamento — um único ‘ponto emergente’ —, que deve ser concebido do modo mais geral possível.”

Citando Paul Ricoeur, Walton<sup>15</sup> esclarece que as parábolas se constroem ao redor de uma “intriga que se caracteriza pelo realismo de suas situações e personagens, que são pastores com seus rebanhos, pais e filhos, coletores de impostos, etc.”. Trata-se de diversos relatos profanos em que pessoas comuns fazem coisas estupendas. Se trata de um “deslocamento metafórico que transfere o sentido até situações existenciais. Assim, as parábolas reescrevem a vida através da ficção do relato.”

Aletti, Gilbert, Ska e Vulpillières<sup>16</sup> veem a parábola como “uma comparação, sobre a forma de narrativa, cujos elementos são tomados da vida cotidiana e contêm um ensinamento religioso ou moral”. Para Kemmer,<sup>17</sup> “as parábolas são semelhanças expandidas, do tipo que usamos todos os dias, por exemplo, quando dizemos: ‘Hoje está tão frio quanto na Sibéria’”. A explicação de Kemmer é muito próxima a de Dodd e Ronchi,<sup>18</sup> para quem a parábola “é uma semelhança que trata da natureza ou da vida cotidiana, que atinge o ouvinte com a sua vivacidade ou originalidade e o deixa com aquela mínima dúvida sobre o significado da imagem, suficiente a estimular o pensamento.”

Portanto, a parábola carrega em si uma carga narrativa-reflexiva, além de comparativa, ao passo que a alegoria é uma afirmação direta. Ao dizer “O Reino dos Céus é **semelhante...**” (Mt 13,31), Jesus conta uma parábola, pois

---

<sup>13</sup> CRIMELLA, M. Perché Gesù Parlava in Parabole?, p.2-3 (tradução nossa).

<sup>14</sup> RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p.166.

<sup>15</sup> WALTON, R., Las parábolas según Paul Ricoeur y Michel Henry, p. 261.

<sup>16</sup> ALETTI, J. et al., Lessico ragionato dell’esegesi biblica, p. 128 (tradução nossa).

<sup>17</sup> KEMMER, A., Le parabole di Gesù, p. 12.

<sup>18</sup> DODD, C.; RONCHI, F., Le parabole del Regno, p. 19-20 (tradução nossa).



faz uma comparação que leva a uma reflexão sobre os diversos elementos da história narrada. Nesse sentido, o termo ὁμοία<sup>19</sup> é traduzido por “semelhante”.<sup>20</sup> Por sua vez, quando afirma “**Eu sou** o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), Ele usa uma alegoria, pois faz uma afirmação direta. Nela utiliza o verbo εἶμι, que é traduzido por “sou.”<sup>21</sup>

Meynet,<sup>22</sup> citando Jülicher, esclarece que Jesus usou apenas os recursos da parábola e da fábula<sup>23</sup>, porque a sua intenção era claramente aquela de ilustrar o seu ensinamento, de fazer compreender melhor aquilo que queria transmitir sobre a natureza do reino de Deus – que Ele anunciava – e as condições para acessá-lo”. Outro autor a explicar a razão pela qual Jesus se valia de parábolas em sua pregação é Hultgren. Para ele:<sup>24</sup>

Jesus recorria às parábolas para apresentar situações familiares aos miseráveis que viviam nas campinas, para codificar os sistemas de opressão que controlavam a vida deles e os mantinham em escravidão. A parábola, portanto, não era principalmente um meio para fazer conhecer a teologia ou a ética, mas um código designado a estimular as análises sociais e ilustrar as contradições entre a situação efetiva dos ouvintes e a instrução da justiça de Deus.

Passemos propriamente ao texto das três parábolas a que já nos referimos na delimitação de nosso objeto de análise (início deste tópico) e, em seguida, iremos trabalhar as interpretações sobre elas.

## 2.2. As parábolas do Semeador, do Grão de Mostarda e do Fermento

Para o presente artigo, a abordagem escolhida foi apenas a das parábolas do Semeador, do Grão de Mostarda e do Fermento, porque são elas a trazer os elementos que se pretende comparar nas duas visões teológicas eleitas: o papel

---

<sup>19</sup> Oriundo de ὁμοιάζω.

<sup>20</sup> LIDDELL, H.; SCOTT, R, A Greek-English Lexicon, p. 1224-1225 (tradução nossa).

<sup>21</sup> LIDDELL, H.; SCOTT, R, A Greek-English Lexicon, p. 487-488 (tradução nossa).

<sup>22</sup> MEYNET, R., Vedei esta Donna? p. 73 (tradução nossa).

<sup>23</sup> Tendo em vista o que foi esclarecido no parágrafo anterior, entendemos que o vocábulo “fábula” aqui utilizado deva ser compreendido como sinônimo de “alegoria”, já que parece claro que Jesus também se valeu de alegorias para transmitir sua mensagem.

<sup>24</sup> HULTGREN, A., Le parabole di Gesù, p. 37 (tradução nossa).

dos pássaros e do fermento na massa. São justamente esses personagens que adquirem pontos de vista positivos e negativos nas duas formas de se compreender a mensagem de Jesus e sobre os quais este trabalho irá se debruçar.

Quanto ao texto sagrado, foram propostas as seções mateanas na tradução tomada da Bíblia de Jerusalém, uma vez que o que nos interessa é a interpretação dos autores.

Iniciemos pela parábola do Semeador. Diz o texto de Mt 13,3b-9:<sup>25</sup>

Ele dizia: “Eis que o semeador saiu para semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e **as aves vieram e a comeram** (*grifo nosso*). Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta, Quem tem ouvidos, ouça! ”

A explicação da parábola e seus personagens vem nos vv. 18-23:<sup>26</sup>

Ouvi, portanto, a parábola do semeador. Todo aquele que ouve a Palavra do Reino e não a entende, **vem o Maligno e arrebatá** (*grifo nosso*) o que foi semeado no seu coração. Esse é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em lugares pedregosos é aquele que ouve a Palavra e a recebe imediatamente com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, é de momento: quando surge uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, logo sucumbe. O que foi semeado entre os espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas os cuidados do mundo e a sedução da riqueza sufocam a Palavra e ela se torna infrutífera. O que foi semeado em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a entende. Esse dá fruto, produzindo à razão de cem, de sessenta e de trinta”.

A segunda parábola que vamos trabalhar é a do Grão de Mostarda. Diz Mt 13,31-32.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1727.

<sup>26</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1727.

<sup>27</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1728.

Propôs-lhes outra parábola, dizendo: “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que **as aves** (*grifo nosso*) do céu se abrigam nos seus ramos”.

A terceira e última é a parábola do Fermento (Mt 13,34):<sup>28</sup> “Contou-lhes outra parábola: ‘O Reino dos Céus é semelhante ao **fermento** que uma mulher tomou e pôs em três medidas de farinha, até que tudo ficasse **fermentado** (*grifos nossos*)’”.

### 2.3. A teologia de Samuel Pérez Millos

Se inicia o presente tópico definindo o que seja a visão dispensacionalista. O dispensacionismo clássico é uma doutrina teológica milenarista, com repercussões na escatologia cristã, que afirma a Parusia como acontecimento terreno, incluindo a doutrina do arrebatamento e da grande tribulação. Consiste ainda num sistema interpretativo da Bíblia que divide a história em dispensações, as quais representam as diversas interações entre Deus e a humanidade, até que chegue o reino escatológico de Deus

Um de seus defensores é Samuel Pérez Millos, o qual trabalha o tema da semente e do semeador da seguinte forma:<sup>29</sup>

A Semente semeada é, segundo Lucas, a Palavra de Deus, o que Cristo chama τὸν λόγον τῆς βασιλείας (a palavra do reino); de outro modo, se trata da proclamação do Evangelho (Lc 8,11). É uma semente incorruptível que conduz ao novo nascimento (1Pd 1,23) [...] Em nenhum lugar desta parábola se diz quem é o semeador. Porém, pela parábola do joio, o que semeia a boa semente é o Filho do Homem (Mt 12,37). O ministério da evangelização era um dos habituais na vida de Cristo. Ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, anunciando o evangelho do reino. Essa missão evangelizadora não se extinguiu com sua morte e posterior glorificação. A decisão de Jesus posta diante do Pai em oração era a de enviar os seus ao mundo, da mesma maneira que Ele havia sido enviado (Jo 17,18). Depois de sua ressurreição, recomendou aos apóstolos – e por extensão a todos os cristãos

---

<sup>28</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1728.

<sup>29</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, p. 873 (tradução nossa).

– a evangelização de todas as nações (Mt 28,20). O semeador não podia ser outro porque toda boa semente procede das mãos de Deus.

Quanto às aves da parábola do Semeador, afirma o autor supracitado serem servas do Maligno. Segundo Pérez Millos,<sup>30</sup> “Satanás atua ao modo da ave que vê cair uma semente sobre o caminho e se precipita ansiosa para devorá-la: ἔρχεται ὁ πονηρὸς καὶ ἀρπάζει τὸ ἐσπαρμένον ἐν τῇ καρδίᾳ (‘vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no coração’)”. Da mesma forma o inimigo de Deus e dos homens age rápido para se apropriar da palavra de Deus semeada no coração dos pecadores. A ação de Satanás é típica de seu caráter homicida: só quer a morte eterna do homem. Não vem uma ave só, mas diversas. “Jesus falou das aves no relato da parábola (v. 4), assim também Satanás atua juntamente com seus demônios para destruir nos homens a obra de Deus mediante a pregação do evangelho”. Como expressa o Dr. Lacueva: “Satanás é o grande homicida das almas e o grande ladrão dos sermões”. Igual visão negativa tem Pérez Millos<sup>31</sup> quanto às aves da parábola do Grão de Mostarda:

A parábola, breve, descreve a semeadura de uma pequena semente, a menor de todas, que quando brota é uma planta, a qual cresce até tornar-se árvore, de maneira que as aves do céu vêm e se aninham em seus galhos ou, talvez melhor, como é o mais comum, refugiam-se nela do calor ou das tempestades de final do verão. O Senhor não deu a interpretação desta parábola. É necessário recorrer aos princípios da hermenêutica para interpretá-la. A parábola tem a ver com os mistérios do reino dos céus (v. 11), que como se tem considerado, antes tem a ver com algo que não estava revelado no Antigo Testamento. Portanto, é uma referência à Igreja, que, no tempo presente, manifesta o reino dos céus em um povo salvo pela Graça, no qual Deus governa e é amado, respeitado e obedecido. Os princípios da expansão do reino na dispensação da Igreja começaram com algo muito pequeno aos olhos dos homens. Os discípulos que seguiam a Cristo eram um minúsculo grupo ao lado das multidões que corriam para ouvir o Senhor ou beneficiar-se de sua misericórdia. A Igreja nasce como uma pequena semente lançada ao caminho pelo semeador. No contexto das parábolas o semeador é Jesus. É também certo que Ele recomendou aos seus a missão de proclamar o evangelho

---

<sup>30</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, p.873-874; 893-894 (tradução nossa).

<sup>31</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, pp. 893-894 (tradução nossa).

depois de sua partida e estendê-lo por todo o mundo (Mt 28,20; At 1,8), porém o que veio para semear o campo do mundo foi o Senhor (v. 37).

E ainda o mesmo autor:<sup>32</sup> “A tentativa séria de ser a única Igreja verdadeiramente bíblica leva a extremos tão graves como manter medidas escravizantes, apoiadas em tradições e interpretações de homens que não têm um verdadeiro amparo bíblico e que servem para fazer escravos a quem Deus fez livres”. Seriam como sistemas que permitiriam a entrada na Igreja “das aves que Satanás introduz e dissimula sob seus ramos”. Ainda segundo Pérez Millos, três coisas produzem as aves quando estão em uma árvore; e todas negativas: a) ruído; b) sujeira; c) destruição. Não só perturbam quem está em volta, como sujam quem se senta sob a árvore e destroem os frutos que não conseguem comer por causa de suas contínuas brigas.

Assim ocorre também “com aqueles que, não sendo cristãos, tratam de contar-se entre eles; ou inclusive aqueles que, sendo crentes, estão sob a influência da carne e são, em certa medida, instrumentos nas mãos de Satanás para a destruição da obra”.<sup>33</sup> As aves, que não são igreja, produzem barulho demasiado, são conflitivas, em constantes disputas, nunca encontram paz porque não vivem em comunhão com o Príncipe da Paz. Produzem sujeira espiritual, causam mais dano que qualquer outra ação diabólica, destroem o fruto – pois não levam o Evangelho ao mundo ao não permitir a ação do Espírito – e insistem em impedir que outros o levem.

Por fim, a Parábola do Fermento. Segundo Pérez Millos:<sup>34</sup>

Na parábola, o fermento prefigura a corrupção doutrinal interna na igreja. É interessante apreciar a interpretação que alguns fazem da parábola, afirmando que ela ensina como o evangelho vai penetrando na sociedade lenta mas progressivamente, até que o mundo inteiro se converta a Cristo e, com ele, se instaure o futuro reino de Deus na terra. Mas é preciso prestar atenção a três

---

<sup>32</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, pp. 893-894 (tradução nossa).

<sup>33</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, pp. 896-897 (tradução nossa).

<sup>34</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, pp. 898-899 e 901 (tradução nossa).

elementos fundamentais da parábola para estabelecer seu significado: o fermento, a farinha e a mulher [...] Alguns intérpretes, no esforço de concretizar o reino dos céus à presença do evangelho na sociedade, alegorizando qualquer ensinamento sobre um reino real na terra, afirmam que o fermento representa o evangelho em uma progressiva extensão na sociedade. A mulher seria a Igreja que introduz sutilmente o evangelho na sociedade até que a alcance plenamente. O fermento, portanto, seria o evangelho, e o momento da plenitude final cumpriria a realidade do reino dos céus [...] Se o fermento simboliza invariavelmente o que corrompe, deve ser interpretado da mesma forma aqui. Evidências bíblicas para o significado do fermento como símbolo de corrupção são esmagadoras. A primeira vez que o fermento aparece na Bíblia no sentido de corrupção tem lugar no relato da presença de anjos na casa de Ló em Sodoma (Gn 19,3) [...] Da mesma maneira que no Antigo Testamento e nos Evangelhos, também as epístolas utilizam o fermento como símbolo do que é mau e tipo do pecado.

Valendo-se de uma interpretação muito restritiva e aparentemente fora de seu contexto, Pérez Millos equipara o fermento aos pássaros, os quais trabalham contra as prescrições legais feitas ao povo de Deus e estando a serviço do mal contra o reino dos céus. Segundo a visão dispensacionalista, vivemos na dispensação do Tempo da Igreja, onde o combate escatológico entre o bem e o mal já se iniciou e irá terminar na batalha do Armagedon, com o triunfo definitivo de Deus. Até lá, seres malignos estão infiltrados dentro da comunidade do povo de Deus (a Igreja). Sua função seria atrapalhar os planos da edificação do reino, pois estão a serviço do opositor por excelência: Satanás. Assim como alguns pássaros estão no caminho e comem as sementes lançadas e outros fazem estragos na grande árvore de mostarda, assim também o fermento que leveda a massa recorda que os israelitas no deserto não podiam comer pão fermentado e que esse é um preceito pascal até hoje para eles. No mesmo sentido seriam os pseudocrístões que estão na Igreja, mas não pertencem a ela. Seriam ovelhas de outro aprisco, que não atendem ao chamado do Bom Pastor, mas fingem pertencer ao rebanho para poder entregar aos lobos suas vítimas.

Na visão de Samuel Pérez Millos, o tema fundamental da pregação de Jesus era a proclamação da vinda do reino dos céus. Pérez Millos<sup>35</sup> diz que “O reino dos céus é um amplo aspecto de um todo: o governo cósmico de Deus”. Assim, no ensino desse teólogo, o reino dos céus teve diversas dispensações no

---

<sup>35</sup> MILLOS, S. P. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento, p. 847-848 (tradução nossa).

decorrer da história, até atingir o momento em que se manifestou na Igreja, como povo que reconhece a Deus e O obedece. O que constitui novidade na revelação dos mistérios do reino dos céus para Pérez Millos não é o caráter futuro ou escatológico da vinda de Cristo para reinar sobre a terra, “senão a expressão presente desse reino na Igreja, como conjunto de pessoas salvas pela Graça, mediante a fé, as quais foram ‘arrancadas do poder das trevas e transportadas ao reino do Filho Amado’ (Cl 1,13)”. As parábolas do reino compreendem “as consequências e presença do evangelho no tempo que vai da pregação pessoal de Jesus Cristo até o tempo da colheita, em cujo período está presente a Igreja.

Os pássaros citados nas parábolas do Semeador e do Grão de Mostarda são interpretados por Pérez Millos como símbolos do maligno que se opõe ao crescimento do reino: são as aves responsáveis por usurpar a Palavra de Deus, por criar ruído e confusão espiritual, levando à discórdia e separação, como frequentemente acontece no seio da Igreja Cristã segundo a doutrina dispensacionalista. Assim como as aves, a levedura também seria símbolo de oposição à Palavra de Deus, que aprecia um povo “sem fermento” (1Cor 5,6-8). Trata-se, portanto, de uma interpretação bastante negativa das parábolas tratadas aqui, valorizando o que poderia haver de mais negativo nas histórias contadas por Jesus, dentro do que pode ser visto como uma visão maculada do contexto. Samuel Pérez Millos parece mesmo recusar a Graça presente nas palavras de Jesus, mais preocupado com os detalhes ínfimos de uma minoria que se desvia da essência do Cristianismo.

#### 2.4. A teologia de Curtis Mitch e Edward Sri

A visão tradicional pode ser definida como a análise hermenêutica de textos escritos, através dos métodos diacrônicos e sincrônicos, buscando a interpretação epistemológica dos escritos bíblicos. Dentro dessa visão, podemos encontrar os trabalhos de Curtis Mitch e Edward Sri.

Segundo esses dois autores, a visão de Deus como semeador não era novidade para Israel:<sup>36</sup>

A primeira parábola de Jesus, conhecida como a parábola do semeador (Mt 3b-9.18-23), trabalha sobre imagens que para alguns judeus antigos teriam sido

---

<sup>36</sup> MITCH, C.; SRI, E. *The Gospel of Matthew*, p.178 (tradução nossa).

bastante familiares não só do mundo agrícola em que viviam, mas também das suas Escrituras. No Antigo Testamento Deus foi descrito como um semeador (Is 55,10-11; Jr 31,27-28; Os 2,25) e a semente representava sua palavra que cumpriria seu propósito, produzindo uma colheita abundante (Is 55,10-13). Na parábola o semeador é agora Jesus e a semente é a sua palavra – a sua proclamação do evangelho do reino. Os diferentes solos representam os diferentes tipos de respostas ao seu ministério.

Tratando da semente que caiu no caminho e foi comida pelos pássaros, afirmam Mitch e Sri:<sup>37</sup> “Primeiro, alguns são completamente refratários a Cristo. Eles ouvem a palavra sem compreendê-la”. Esta descrição se aplica, a princípio, aos fariseus, que foram tão intolerantes face a Jesus que o acusaram de ter pacto com o demônio (Mt 9,34; 12,24). “A referência àqueles que ouvem ‘sem entender’ também aponta para as cidades que testemunharam os feitos poderosos de Cristo, ainda que não tenham se arrependido (Mt 11,20-24)”. Essas pessoas “são como sementes que caíram (semeadas) no caminho e que foram devoradas por pássaros – um símbolo do maligno, Satanás (2Cor 4,4) ”.

Ambos os autores interpretam a semente que caiu no caminho como todo aquele que foi indiferente à mensagem de Cristo: ou por não a ter entendido ou porque a entendeu, a viu operar frutos, mas se recusou a abraçá-la. As aves agem movidas pelo maligno e arrebatam essas sementes que estão expostas. Pelo menos neste ponto Curtis Mitch e Edward Sri concordam com o papel desempenhado pelas aves segundo a visão de Samuel Pérez Millos. No que toca às demais parábolas, o entendimento será bem diferente como veremos.

Quando trabalham a parábola do Grão de Mostarda, Mitch e Sri<sup>38</sup> são bem otimistas:

A parábola do grão de mostarda se baseia na anterior (joio), mostrando que apesar da oposição do inimigo ao reino, a colheita renderá tremendos resultados. A princípio, o reino não parece ser muito grande. É como uma semente de mostarda, que era proverbialmente a menor de todas as sementes. Desta pequena semente surge um grande arbusto. Jesus o descreve como se tornando tão grande que os pássaros do céu vêm e habitam em seus ramos - o que lembra uma descrição do Antigo Testamento de um grande reino que reúne muitas nações, como uma grande árvore reúne pássaros que fazem seus ninhos em seus ramos (Ez 31,2-13; Dn 4,17-18). Em particular, Ezequiel

---

<sup>37</sup> MITCH, C.; SRI, E. *The Gospel of Matthew*, p.178 (tradução nossa).

<sup>38</sup> MITCH, C.; SRI, E. *The Gospel of Matthew*, p.180 (tradução nossa).



previu que Israel reuniria as nações como um cedro forte que abriga os pássaros do ar (Ez 17,22-24). Jesus usa esta parábola para mostrar como o movimento do seu reino, apesar de seu pequeno começo, se tornará como a grande árvore profética que ajunta pássaros, cumprindo a missão de Israel para as nações como Ez 17 predisse.

Os pássaros são vistos agora como sinal das nações, que serão abraçadas por Israel como cumprimento de sua missão salvífica. Não há mais uma visão de representação do maligno, mas de coerdeiros do reino. No que tange à parábola do Fermento, ensinam Mitch e Sri:<sup>39</sup>

A terceira parábola desta série continua o tema de começos inexpressivos que produzem um tremendo crescimento, com a ênfase adicional no dinamismo oculto do reino. O reino dos céus é semelhante ao fermento misturado em uma medida de massa. Como agente de fermentação, uma pequena quantidade de fermento, quando misturado na massa, faz com que ela se expanda e cresça. A imagem aponta para a forma como o reino terá um efeito profundo, apesar de seu início discreto. A quantidade de pão produzida é impressionante. A mulher começa com três medidas de farinha de trigo, que equivale a sessenta libras! Isso renderia pão suficiente para alimentar bem mais que cem pessoas, suficiente para um grande banquete - uma imagem que Jesus frequentemente usava para representar o reino.

Percebe-se assim que o fermento não adquire um caráter negativo para esses dois autores. Pelo contrário, ele é símbolo de fartura e saciedade, assim como costuma ser o reino dos céus.

Portanto, em visão oposta à dispensacionalista, se apresentam Curtis Mitch e Edward Sri. Estes dois autores seguem Pérez Millos apenas na análise do papel desempenhado pelas aves na parábola do Semeador: seriam aqueles que se apropriam da semente que caiu no caminho, como representação do mal que se apodera dos homens que recusam a Palavra do Evangelho. Entretanto, ao trabalhar as parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento, Mitch e Sri divergem de Pérez Millos, vislumbrando nos personagens (pássaros e fermento) símbolos otimistas da expansão do reino dos céus. Ora são os pássaros que representam as diversas nações que se juntarão a Israel no culto ao Deus único e onipotente, ora é o fermento que leveda a massa a fazendo crescer, como o Evangelho leveda e multiplica a comunidade.

---

<sup>39</sup> MITCH, C.; SRI, Edward. The Gospel of Matthew, p.180-181 (tradução nossa).

## Conclusão

Foi possível ver no presente artigo como deve ser entendido o reino dos céus no contexto da pregação do Cristo, buscando-se situar o leitor na compreensão do gênero de parábola e sua importância na retórica de Jesus. No rol das Parábolas do Reino, optou-se por se debruçar apenas sobre três das sete mencionadas em Mt 13.

A interpretação parabólica que segue uma visão positiva do discurso conduz mais adequadamente ao contexto da mensagem evangélica, justamente porque se detém naquilo de novo que Jesus trouxe em suas pregações: o chamado a um reino de amor. As citações feitas por Pérez Millos ao contexto legal do Antigo Testamento – e eventualmente reproduzidas por ele quanto ao Novo Testamento – não expressam a compreensão de Jesus a respeito dos preceitos legais inflexíveis: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado”.<sup>40</sup> Assim, impreterivelmente, é preciso extrair do cerne dos discursos do Cristo o contexto das parábolas aqui tratadas.

Uma explicação bem clara do negativismo dispensacionalista quanto à interpretação das Parábolas do Reino encontra-se em Turner:<sup>41</sup>

É evidente que o dispensacionalismo clássico está equivocado em sua tentativa de entender as parábolas como se referindo principalmente ao futuro milênio ou como ensinando o “mistério” do reino oferecido, rejeitado, e adiado [...] O Reino já foi inaugurado em Mateus e as parábolas são sobre esse progresso presente e sua glória futura [...] os discípulos continuam a missão de Jesus e seu ministério continua até o final dos tempos.

Portanto, do artigo se conclui existirem ao menos duas visões possíveis quanto aos personagens elencados nas parábolas aqui trabalhadas: uma interpretação negativa da Palavra de Jesus e outra otimista e alvissareira do anúncio da Boa-Nova. Parece bem razoável e essencialmente cristã a proposta de Mitch e Sri, ao não supervalorizar símbolos do mal na pregação do bem. Aliás, essa é a riqueza do magistério da Igreja. Se o reino é Jesus, os servos de

---

<sup>40</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p.1762.

<sup>41</sup> TURNER, D. L. Matthew, p.334 (tradução nossa).

Satanás podem até se lançar contra Ele, mas jamais serão os personagens centrais da história; nunca passarão de coadjuvantes.

Resumindo tudo o que foi dito no presente artigo: jamais se deve cair na tentação de tratar-se os acidentes por substância. Aqueles podem variar; esta se mantém imutável. Citando David Turner:<sup>42</sup> “É o crescimento da Lei de Deus, não de Satanás, que está sendo retratado aqui”.

### Referências bibliográficas

ALETTI, J. et al. **Lessico ragionato dell'esegesi bíblica: le parole, gli approcci, gli autori**. Brescia: Queriniana, 2006.

BENTO, PP. **Homilia na Basílica de São Bartolomeu na Ilha Tiberina** (07/04/2008). Disponível em <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080407\\_san-bartolomeo.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080407_san-bartolomeo.html)>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 13 impr. São Paulo: Paulus, 2019.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: novo testamento e artigos sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

CRIMELLA, M. **Perché Gesù Parlava in Parabole?**. Milão, 2 out. 2016. Disponível em: <<https://www.chiesadimilano.it/apostolatobiblico/files/2016/07/Verano-2-ottobre-1relazione.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2022.

DODD, C.; RONCHI, F. **Le parabole del Regno**. Brescia: Paideia, 1970.

HULTGREN, A. **Le parabole di Gesù**. Brescia: Paideia, 2004.

KEMMER, A. **Le parabole di Gesù: come leggerle, come comprenderle**. Brescia: Paideia, 1990.

LIDDELL, H.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. New York: Oxford University, 1996.

LIMA, M. L.C. **Exegese Bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.

---

<sup>42</sup> TURNER, D. L. Matthew, p.345 (tradução nossa).

MEYNET, R. **Vedi questa Donna?** Saggio sulla comunicazione per mezzo delle parabole. Milano: Paoline, 2000.

MITCH, C.; SRI, E. **The Gospel of Matthew:** Catholic Commentary on Sacred Scripture. Grand Rapids, Baker, 2010.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece.** 28ed. Münster: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

MILLOS, S. P. **Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento:** Mateo. Barcelona: Clie, 2009.

RATZINGER, J. (Bento XVI). **Jesus de Nazaré:** do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

TURNER, D. L. **Matthew.** Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker, 2008.

WALTON, R. J. Las parábolas según Paul Ricoeur y Michel Henry. **Cuestiones teológicas**, v. 39, n. 92, p. 259-282, jul./dez. 2012.

WITHERINGTON, B. **The problem with evangelical theology:** testing the exegetical foundations of Calvinism, dispensationalism, and Wesleyanism. Waco: Baylor University Press, 2005.

***Luiz Henrique Lucas Barbosa***

Doutorando em Direito pela Universidad de Buenos Aires – Argentina

Mestre em Direito pela Universidade Cândido Mendes

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

E-mail: luizhlbarbosa@hotmail.com

Recebido em: 08/08/2022

Aprovado em: 12/12/2022